

# Armazéns da memória

É estranho voltarmos maravilhados de viagens ao exterior ou de outras cidades brasileiras, quando relatamos a si mesmos nos fim de tardes junto ao sol que se põe, a história dos locais, a valorização de seus atributos naturais e a construção de sua formação humana e artística. Interessante como gostamos de fotografar, de perpetuar na memória os traços antigos, ainda que estes estejam lado a lado com a inexorável modernidade, que não os destrói, mas os destaca e complementa. A modernidade imprescindível a serviço do passado.

Quem gosta de estética imobiliária modernista vai a Dubai e no terceiro dia já está enfasiado. É uma cidade sem tempo passado ou presente. Tudo parece estar no futuro. Aqueles que procuram por esses baluartes temporais, a memória e o reflexo da memória, vão a outras cidades, outros países. Como Barcelona, Sevilha, Paris, Bordeaux, Cassone e Cartago, por exemplo. No Brasil Ouro Preto é quase uma exceção, a regra é avançar negativamente sobre o desenho memorial local e seus costumes. Aliás, as cidades daquele circuito mineiro preservam o sabor da história e da cultura mineira. Porto Seguro confirma a regra. Desfigurou-se.

E Vitória, Vila Velha, a Região Metropolitana? Lamentavelmente estamos desconstruindo nossas memórias arquitetônicas, a magia de nossos logradouros e a beleza natural que as contemplou por longos anos. Imóveis estão sem conservação, locais e paços históricos como a cidade alta estão à mercê da especulação imobiliária e da falácia da composição apresentada pelos economistas. O que é bom para alguns é bom para todos. Ledo engano, falso argumento.

O lampejo de sabedoria está na construção do Cais das Artes, um local em que poderão ser divulgadas expressões artísticas e valores históricos de forma organizada e profícua. É muito bem-vindo, mas isso é pouco, muito pouco. Lá faremos um palácio caríssimo enquanto os “casabres” históricos são corroídos pelos cupins, pela chuva e pela ganância empresarial inconsequente.

Você pensou em algum empresário da iniciativa privada? Refaça suas ideias. Inclua nelas o próprio Estado, quando se propõe a destruir os armazéns do porto para ampliar sua retroárea. É como se algum gestor parisiense sugerisse alargar as agradáveis e estreitas ruas de Montmartre para facilitar o acesso a Sacré-Coeur de Marie.

Parece que exagerei, mas é apenas impressão. Existiu um conjunto arquitetônico e um locus social que envolve a Vila Rubim, o Parque Moscoso, os armazéns do Porto, o casario próximo ao Moinho Buaiz e a escadaria Maria Ortiz com o palácio do governo, que tem uma representatividade histórica impressionante. Foi engolida pelo porto. Contrariando a ideia de desconcentrar-se insistiu em sua ampliação.

Primeiro agredimos a paisagem natural ao invadirmos o Penedo com o terminal da Codesa. Agora com a possibilidade de avançar sobre os armazéns. Interessante observar que mesmo quando houve a necessidade de ampliar sua capacidade, a intervenção portuária foi pouco agressiva ao Morro da Atalaia, com suas linhas férreas incorporadas ao traçado do morro, na construção do terminal de Paul. O movimento artístico e cultural capixaba não pode se calar. E não tem se calado. Mas, como perguntaria Dylan, “how many years must one man have, before he can hear people cry”. No bom português, nossos gestores estão surdos.

■ ■ Antonio Marcus Machado é economista e professor universitário